UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
UFAL CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

JANAÍNA LIMA DA CUNHA

SENTIDOS SOBRE TECNOLOGIA NO SERTÃO

DELMIRO GOUVEIA - AL
2021

JANAÍNA LIMA DA CUNHA

SENTIDOS SOBRE TECNOLOGIA NO SERTÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para obtenção do título de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Débora Massmann

DELMIRO GOUVEIA - AL

2021

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

C972s Cunha, Janaína Lima da

Sentidos sobre tecnologia no sertão / Janaína Lima da Cunha. – 2021.
37 f. : il.

Orientação: Débora Raquel Hettwer Massmann.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Análise do discurso. 2. Linguagem. 3. Tecnologia. 4. Vila da Pedra – Delmiro Gouveia – Alagoas. 5. Alto sertão - Alagoas. I. Massmann, Débora Raquel Hettwer. II. Título.

CDU: 81'322.5

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

JANAÍNA LIMA DA CUNHA
UFAL - Campus do Sertão

DATA DE AVALIAÇÃO:
25/05/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann – Orientadora
(UFAL)

Profa. Dra. Andrea Silva Domingues (UFPA)

Profa. Dra. Fábia Pereira da Silva
(UFAL)

Delmiro Gouveia - AL 25 de maio de 2021

Dedico este trabalho a minha filha, Maria Clara da Cunha Godói, e ao meu pai, Jair Aparecido da Cunha (*in memorian*). Vocês sempre foram a minha força e o meu maior incentivo para a conclusão dos meus estudos. A vocês dois, o meu profundo e eterno amor e agradecimento.

"Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso..."

(Guimarães Rosa)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre esteve ao meu lado sendo a minha fortaleza e luz para enfrentar todos os desafios na minha jornada da vida.

A todo o corpo acadêmico do curso de Letras do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) com quem tive o privilégio de conviver e de agregar conhecimentos.

Quero deixar registrado aqui, também, o meu profundo e sincero agradecimento à minha orientadora, Profa. Dra. Débora Massmann, por aceitar enfrentar esse desafio junto comigo, por sempre acreditar no meu potencial, por todo o seu empenho, incentivo, paciência e carinho na realização deste trabalho. A ela, meu respeito, admiração e gratidão.

E, por fim, agradeço a todas as pessoas que torceram por mim na concretização desse sonho.

RESUMO

Inscrito na perspectiva das ciências da linguagem, mais especificamente nos estudos em Análise de Discurso, tal como proposta por Pêcheux (1969) e Orlandi (1999), o presente estudo busca compreender o processo de produção de sentidos sobre tecnologia no Sertão, mais precisamente, na antiga Vila da Pedra, localizada no Alto Sertão de Alagoas. A partir das análises, compreendemos o funcionamento da memória discursiva a partir de sentidos cristalizados e legitimados na e pela história como foi/é o caso dos sentidos nos discursos de e sobre o Sertão que circulavam na sociedade do século XIX e início do século XX. Além disso, observamos que o empresário Delmiro Gouveia, ao trazer a tecnologia para o Sertão, afetou essa rede de memória, produzindo rupturas (fissuras) nessa discursividade. Diante do exposto, podemos dizer, ainda, que esse processo de ressignificação foi tão impactante na história da região, que produziu um acontecimento discursivo materializado na redesignação do espaço urbano: a antiga Vila da Pedra passou a ser chamada de Delmiro Gouveia.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem; discurso; tecnologia; Sertão

ABSTRACT

Inscribed in the perspective of the sciences of language, more specifically in the studies in Discourse Analysis, as proposed by Pêcheux (1969) and Orlandi (1999), this study seeks to understand the process of production of meanings about technology in the Sertão, more precisely, in the ancient Vila da Pedra, located in the Upper Sertão of Alagoas. From the analyses, we understand the functioning of discursive memory from meanings crystallized and legitimized in and by history, as it was/is the case of the meanings in the discourses of and about the Sertão that circulated in the society of the 19th and early 20th centuries. Furthermore, we observe that businessman Delmiro Gouveia, by bringing technology to the Sertão, affected this memory network, producing ruptures (cracks) in this discourse. Given the above, we can also say that this process of resignification was so impactful in the history of the region, that it produced a discursive event materialized in the redesignation of the urban space: the old Vila da Pedra was renamed Delmiro Gouveia.

KEYWORDS: language; discourse; technology; Sertão

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Localização de Delmiro Gouveia (AL) 22
FIGURA 2: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia 23
FIGURA 3: Mesorregiões do estado de Alagoas e localização do município de Delmiro Gouveia, em destaque 25
FIGURA 4: Vila Operária da Pedra 26
FIGURA 5: Operários em frente à Fábrica da Pedra no ano de 1916 27
FIGURA 6: Homens trabalhando na sala de máquinas de Angiquinho, primeira hidrelétrica do Nordeste 27
FIGURA 7: Usina Hidroelétrica de Angiquinho – AL 28
FIGURA 8: Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso – BA 29

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS 12

2. ANÁLISE DE DISCURSO: APONTAMENTOS FUNDADORES 15

2.1. Uma breve abordagem sobre as fases da Análise de Discurso 16

3. A TECNOLOGIA TALHADA NA "PEDRA" 22

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DISCURSO E TECNOLOGIA NO SERTÃO 31

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 35

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo está interessado em compreender o processo de produção de sentidos sobre tecnologia no Sertão, mais precisamente na antiga Vila da Pedra, atualmente conhecida como Município de Delmiro Gouveia, que se encontra localizada no Alto Sertão de Alagoas. Para desenvolver nossa pesquisa, inscrevemo-nos em uma abordagem discursiva e objetivamos analisar os sentidos nos discursos de e sobre a tecnologia no Sertão que circulavam na sociedade do século XIX e início do século XX, com vistas a compreender os efeitos de sentido que são produzidos em determinado contexto histórico por diferentes sujeitos e que vêm sendo (re)significados ao longo do tempo. Além disso, este estudo se propõe a historizar os avanços tecnológicos e culturais que o empresário Delmiro Augusto da Cruz Gouveia trouxe para o Sertão, destacando sua relevância social e contribuição significativa para o desenvolvimento da região.

A motivação pela temática se deve em função de nosso interesse pelo campo de estudos da Análise de Discurso (AD), por meio da disciplina Projeto Integrador, ofertada no curso de Letras do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e ministrada pela Profa. Dra. Débora Massmann. Há que se destacar também a afeição pela cidade em que resido, Delmiro Gouveia – AL, e pela presença forte e incontestável das obras realizadas pelo empresário que dá nome à cidade, e que trouxeram relevante desenvolvimento tecnológico, econômico e cultural para o Sertão e para o povo sertanejo.

Nessa perspectiva, como objetivo geral deste estudo, procuramos analisar, por meio das contribuições teóricas e analíticas da Análise de Discurso (AD), os discursos sobre tecnologia que estão associados ao Sertão e como, no processo histórico de funcionamento dos sentidos, esses discursos funcionam na sociedade e se fazem presente ainda atualmente. Como objetivos específicos, buscamos desmistificar a ideia de que, no Sertão, não havia (ou não há) possibilidades de desenvolvimento tecnológico devido ao clima semiárido e à ausência de mão de obra especializada. Pretendemos também compreender como esses discursos, que são proferidos por diferentes sujeitos, que ocupam lugares distintos na sociedade, podem produzir como efeito a exclusão, a discriminação, o preconceito e a xenofobia.

É importante destacar que, neste estudo, filiamo-nos à perspectiva que compreende que as tecnologias, historicamente, constituem artefatos que têm modificado não só a relação do homem com a natureza e com a sociedade, mas também – e principalmente – a relação do homem com a máquina. Assim, com a efervescência das

novas tecnologias, assistimos ao nascimento de novas formas de significar as relações do sujeito consigo mesmo, com a linguagem, com a sociedade e também com o conhecimento. Ao tomar essas questões relativas à tecnologia como objeto de pesquisa, a presente pesquisa instiga reflexões sobre o papel da tecnologia na sociedade. Buscamos compreender as tecnologias na relação com a sociedade contemporânea e no modo como a produção de tecnologia, em diferentes momentos da história, afetou o desenvolvimento da sociedade, como parece ter acontecido no caso em estudo.

De nossa perspectiva, a saber, aquela dos estudos discursivos, interessa investigar também os diferentes deslocamentos que se produzem a partir das novas tecnologias de produção e de circulação do conhecimento e de relações sociais que daí derivam. Desse modo, os efeitos da entrada das tecnologias sobre o sujeito e sobre a relação do sujeito com a sociedade ocupam uma posição central nas reflexões propostas neste trabalho.

Diante disso, metodologicamente, nossa pesquisa, inscrita na Análise de Discurso materialista, apresenta um diálogo constante entre teoria/método/procedimento analítico e objeto. Como aponta Orlandi (2012), trata-se de se colocar numa posição metodológica de entremeio, não positivista e aberta. Dessa forma, o método, como destaca a autora, não se restringe à aplicação automática da teoria: ele está diretamente relacionado às questões de pesquisa propostas pelo analista que vão estabelecer os limites do seu objeto de estudo e apresentar suas análises produzindo o batimento ininterrupto entre a descrição (estrutura) e análise (acontecimento) (PÊCHEUX, 1969).

É importante lembrar que, em Análise de Discurso, o método “procura expor o olhar leitor à opacidade do texto, que leva em conta que algo fala antes, em outro lugar e independentemente, faz contínua retomada da teoria, no processo analítico” (ORLANDI, 2012, p. 12). Metodologicamente, trata-se, pois, de questionar o processo de significação e o funcionamento dos sentidos e dos discursos na história. Para isso, selecionamos como *corpus* de pesquisa os discursos de/sobre tecnologia que estão relacionados ao Sertão e como esses discursos vêm sendo ressignificados na sociedade na atualidade, produzindo sentidos que podem mostrar uma imagem deturpada da realidade dessa região.

A partir das análises, podemos observar as condições de produção e o processo discursivo que ali é posto em funcionamento. Para isso, sustentamos nossas reflexões em autores de referências, como Orlandi (1990 [2008], 2001), Mussalim (2001), Pêcheux (2010), Possenti (1993), entre outros. É importante ainda destacar que a presente pesquisa se justifica por sua relevância social e científica. Este trabalho, ao buscar

compreender os sentidos de tecnologia no Sertão, apontou para o funcionamento da linguagem na sociedade e na história e para a força do simbólico nos processos de produção de sentido que se constituem além da materialidade linguística.

Em seu modo de apresentação, nossa pesquisa foi estruturada em quatro (4) partes, assim distribuídas: na primeira parte, apresentamos os objetivos da pesquisa, a filiação teórica e o modo de apresentação do referido estudo; na segunda parte, dedicamo-nos a percorrer o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso, disciplina que sustenta nossa reflexão, a fim de apresentar uma contextualização histórica desse campo de estudos e as suas fases; na terceira parte, intitulada “A tecnologia talhada na 'Pedra'”, abordamos o surgimento da antiga Vila da Pedra, apresentamos uma historicização da região e do modo como ela foi/é significada na história e, além disso, descrevemos a chegada do empresário Delmiro Augusto da Cruz Gouveia à Vila da Pedra e as inovações tecnológicas que ele proporcionou ao Sertão, através da instalação da Fábrica da Pedra e da Usina Hidroelétrica de Angiquinho; e, mais adiante, nas considerações finais, tratamos a relação entre discurso e tecnologia no Sertão, buscando compreender, a partir do que foi estudado nesta pesquisa, os processos de significação que foram sendo construídos em torno do Sertão e o modo como o empresário Delmiro Augusto da Cruz Gouveia produziu fissuras nessa significação, inscrevendo-se na história da região como um acontecimento discursivo.

2. ANÁLISE DE DISCURSO: APONTAMENTOS FUNDADORES

> "O Discurso é assim palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando".
>
> (Eni Orlandi)

A Análise de Discurso (AD) é uma disciplina que teve origem na França na década de 1960. Ainda não se sabe ao certo quem foi seu fundador, porém, alguns estudiosos desse campo de estudo atribuem o surgimento da AD a alguns autores envolvidos com empreendimentos da Linguística, como, por exemplo, Jean Dubois e Michel Pêcheux, que na época produziram grandes debates em torno do marxismo, da psicanálise e da epistemologia.

As contribuições de Pêcheux e Dubois foram decisivas para dar o embasamento teórico e metodológico para o desenvolvimento dessa disciplina. Segundo Mussalim (2003), ambos partilhavam de ideias defendidas pelo marxismo em torno da política, da luta de classes, da história e do movimento social. Dessa forma, interrogando o marxismo, a psicanálise e a Linguística, surge o projeto de Análise de Discurso, que propõe um novo campo de reflexão sobre a língua, o sujeito e a história.

Nesse período, a língua ainda era vista pelo viés do estruturalismo, vertente saussuriana que definia as estruturas da língua em função da relação que elas estabelecem entre si no interior de um mesmo sistema linguístico. Partindo desse ponto, a AD buscava estabelecer o seu campo de atuação na análise de textos impressos. Contudo, como seus olhares eram inicialmente voltados à perspectiva marxista, que defendia o estudo linguístico das condições de produção, tornou-se insuficiente direcionar os estudos relacionados a essa disciplina apenas à sua formação estrutural: fazia-se necessário buscar também a compreensão dos enunciados e dos sentidos na formação dos discursos e das ideologias que os sustentavam.

Nesse sentido, com o avanço dos estudos discursivos, a língua passou a ser vista não só em seu caráter linguístico, mas também pelo viés extralinguístico, sendo compreendida por meio de sua perspectiva discursiva.

Uma das principais fontes de estudo dessa disciplina são os discursos proferidos nas interações entre os sujeitos e a compreensão dos sentidos produzidos nesses dizeres

na sociedade. Para tanto, Orlandi (2009, p. 15) argumenta que, “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Desse modo, ela busca compreender a língua em sua relação com o mundo, com o sujeito e a sua historicidade, bem como os processos de produção da linguagem construídos através das relações língua/discurso/história.

Sob esse viés, podemos dizer que a materialidade do discurso se dá através da língua e a materialidade da ideologia é o discurso. E essa relação funciona de forma indissociável e se faz compreender porque, segundo Pêcheux (1975, apud ORLANDI, 2013, p. 17), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, e é assim que a língua faz sentido”. Portanto, é por intermédio do discurso que se pode constatar essa relação entre língua e história em funcionamento, bem como compreender os sentidos que são produzidos nos discursos entre os sujeitos.

2.1. Uma breve abordagem sobre as fases da Análise de Discurso

Em seu percurso epistemológico, a disciplina da Análise de Discurso foi se desenvolvendo, articulada às condições de produção de cada época e de cada região (país) em que foi se instalando. Assim, de modo a tornar mais didática nossa exposição, apresentamos, a seguir, três fases distintas que, segundo Possenti (1993), apontam para a produtividade teórica e analítica desta disciplina, especialmente por se constituírem em torno da noção de sujeito. De acordo com Possenti (1993, p. 46):

> A primeira fase é a que imagina que existe um conjunto de enunciados que compõem um discurso idêntico a si mesmo e diferente de outros no sentido de que o que está contido num discurso está excluído de outro.

A primeira fase está relacionada ao tipo de discurso que o sujeito produzirá, e que se encontra atrelado à ideologia na qual o sujeito está inserido e com a qual se identifica consciente ou inconscientemente. É sob essa perspectiva que se dá a ideia de assujeitamento. Partindo desse pressuposto, Mussalim (2003, p. 111) argumenta que

> o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso […], a ocupar

> seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa.

Diante disso, Mussalim (2003, p. 111) faz uma releitura de Freud associado ao estruturalismo de Saussure e Jakobson, abordando o papel do inconsciente na formação discursiva. Para ele, o inconsciente pode ser representado como um lugar onde se constroem significantes, e através da linguagem os discursos são reproduzidos, ainda que inconscientemente. Diante disso, o discurso é atravessado por outro(s) discurso(s) proferido(s) em outro(s) momento(s) histórico(s), e é nesse sentido que se pode observar através dos discursos aspectos associados ao sujeito, sua historicidade e ideologia.

A segunda fase, por sua vez, diz respeito a um processo de transformação do que se entendia da primeira fase, pois não existe um discurso uniforme, mas sim um misto de enunciados provenientes de outros discursos de um mesmo sujeito em contextos distintos. Essa segunda fase mostra, portanto, segundo Possenti (1993, p. 46), "a inexistência da unidade interna dos discursos, […] vigora a ideia de que o sujeito é uma função e ele pode ter mais de uma". Podemos dizer, então, que o sujeito é um ser atravessado por mais de uma formação discursiva.

Já a terceira fase nos remete ao viés da heterogeneidade, "termo utilizado pela Análise de Discurso para destacar que toda produção discursiva é atravessada pelo discurso do outro ou por outros discursos" (FERREIRA, 2001, p. 17). Desse modo, a terceira fase está caracterizada pela existência da polifonia, ou seja, os discursos que produzimos não são só nossos, pois em um determinado momento histórico outro sujeito já havia dito o que foi dito recentemente, ainda que em outro sentido.

Ainda sobre as condições do sujeito, na presença do Outro no discurso, Mussalim (2003, p. 135) retrata a questão da heterogeneidade constitutiva do discurso, apontando três tipos de heterogeneidade:

> a) aquela em que o locutor ou usa das suas próprias palavras para traduzir o discurso de um Outro (discurso relatado) ou então recorta as palavras do Outro e as cita (discurso direto);
> b) aquela em que o locutor assinala as palavras do Outro em seu discurso, por meio, por exemplo, de aspas, de itálico, de uma remissão a outro discurso, sem que o fio discursivo seja interrompido;
> c) aquela em que a presença do Outro não é explicitamente mostrada na frase, mas é mostrada no espaço implícito, do sugerido, como nos casos do discurso indireto livre, da antífrase, da ironia, da imitação, da alusão.

Essa fase está relacionada à ideia de que não existe um enunciado construído de forma isolada. E um discurso pode ser produzido a partir da enunciação de outros

enunciados anteriores. Há, nesse sentido, a presença de um enunciado dominante para a formação de outros discursos.

No decorrer dessas três fases, a Análise de Discurso foi se consolidando como um dispositivo teórico-analítico da interpretação e se constituindo em torno de um corpo conceitual que nos permite compreender o funcionamento da linguagem na sociedade. Outras formulações e conceitos foram sendo elaboradas em torno das noções de língua, história e sujeito, de modo a viabilizar o estudo dos processos de significação na história.

Podemos, por exemplo, considerar que a especificidade da Análise de Discurso é a associação do discurso com as condições de produção na qual o sujeito está inserido, pois os seus discursos serão construídos a partir da relação entre sujeito/história/ideologia. Segundo Mussalim (2003, p. 112), o que sustenta a especificidade da AD

> […] é a relação que os analistas do discurso procuram estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros.

Para tanto, o que norteará os trabalhos de análise discursiva são as condições de produção, caracterizadas através dos discursos – estes, por sua vez, (re)produzidos por meio da linguagem. Dessa forma, podemos dizer que o discurso é a materialidade e é por meio dele que o sujeito expressa sua ideologia e os sentidos são construídos. Como argumenta Brandão (2004, p. 42):

> Se o processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações. E aqui o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva, noção que, juntamente com a de condição de produção e formação ideológica, vai constituir uma tríade básica nas formulações teóricas da Análise do Discurso.

Na formação do discurso, além da importância das condições de produção na constituição dos sentidos, as formações ideológica e discursiva também desempenham uma grande relevância nos estudos da AD, pois, para expressar a sua ideologia, o sujeito faz uso dos discursos. Segundo Mussalim (2001, p. 110):

> O sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado sem que tenha consciência disso.

Dentro dessa perspectiva, Mussalim (2003, p. 119) argumenta que o sujeito não pode ser concebido como um indivíduo que fala, “como fonte do próprio discurso, […] quem de fato fala é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia”. Ainda de acordo com as acepções desse campo teórico:

> O sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo. […] O sujeito, apesar de desempenhar diversos papéis, não é totalmente livre; ele sofre as coerções da formação discursiva do interior do qual já enuncia, já que esta é regulada por uma formação ideológica. Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social, […] que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali, ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso (MUSSALIM, 2003, p. 133).

Diante disso, o sujeito não é o “dono” de seus próprios dizeres, pelo fato de que seus discursos sofrem o atravessamento de outros dizeres anteriormente ditos, que já vêm carregados por uma formação ideológica. Por essa razão, o sujeito é denominado como assujeitado ou sujeito ideológico, pois é interpelado por ideologias dominantes que o fazem acreditar que tem consciência disso, que é o dono das suas próprias vontades e pensamentos. Nesse sentido, o sujeito é levado a ocupar determinados lugares de grupos sociais que pertencem a uma determinada formação ideológica.

Ao estabelecer as bases epistemológicas da Análise de Discurso, Pêcheux (1969 [2008], p. 35) ressalta que a linguagem

> serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.

As palavras do autor nos levam a compreender que o sentido não deve ser tomado como único, fechado em si. O processo de significação é, segundo o autor, afetado pelas posições nas quais o sujeito se inscreve, de modo que todo discurso se filia a uma formação discursiva que, por sua vez, se articula a uma formação ideológica.

A ideologia, segundo a perspectiva da AD, possui um papel determinante na constituição dos enunciados que provêm das práticas discursivas sociais e históricas nas quais o sujeito está inserido, embora muitas vezes ele não tenha consciência disso. Assim, podemos entender a formação discursiva “como aquilo que numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura sócio-histórica determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2001, p. 43). Dessa forma,

compreendemos que é na formação discursiva que está contida a formação ideológica que se refere uma situação de enunciação específica. Orlandi (2001, p. 42-43) enfatiza:

> O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam.

A partir das palavras da autora, entendemos a importância das condições de produção no funcionamento discursivo. Orlandi (2001) esclarece que as condições de produção de um enunciado envolvem o sujeito, a memória e a situação. Dessa forma, podemos considerar as condições de produção em sentido estrito, isto é, o contexto imediato, e considerá-la em sentido mais amplo, incluindo, aí, o contexto sócio-histórico ideológico. E é na memória discursiva que está presente o interdiscurso. De acordo com Orlandi (2001, p. 74), “podemos dizer que a autoria é uma função do sujeito”. Diante disso, entende-se que o sujeito é atravessado pela ideologia e isso reflete em “seus” dizeres.

Os estudos relacionados à Análise de Discurso (AD), atualmente, contribuíram/contribuem para relevantes avanços no ensino da Língua Portuguesa, pois seu olhar está voltado para reflexões relevantes na área da Linguística, aos estudos relacionados à leitura, produções textuais e os discursos produzidos pelos sujeitos, e de como esse processo está ligado a questões políticas, ideológicas, institucionais, sociais, históricas e culturais. “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2001, p. 15).

Pêcheux (2010, p. 78) afirma que é possível “analisar um discurso como um texto”, estando ele associado a um conjunto de outros discursos, que são produzidos em determinadas condições de produção dentro de um contexto histórico-social. Ainda segundo as acepções de Orlandi (1999, p. 42-43):

> O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Nesse viés, a AD procura compreender como objetos simbólicos produzem sentidos em contextos distintos, e isso não acontece de forma aleatória, mas através de um processo que traz a historicidade e a ideologia à qual o enunciador do discurso está atrelado.

No processo de produção do discurso, como destaca Orlandi (2001), materializa-se o confronto entre o político e o simbólico. Interessa-nos aqui observar o funcionamento dos discursos ‘sobre’, pois, de acordo com a autora:

> Os ‘discursos sobre’ são uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. É no ‘discurso sobre’ que se trabalha o conceito de polifonia. Ou seja, o ‘discurso sobre’ é um lugar importante para organizar diferentes vozes (dos discursos de). Assim, discurso sobre o samba, o discurso sobre o cinema são parte integrante da arregimentação (interpretação) dos sentidos dos discursos do samba, do cinema, etc. (ORLANDI, 1990 [2008], p. 44).

É fundamentado neste dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso que acabamos de apresentar, que este estudo se dedica a compreender o processo de produção de sentidos sobre tecnologia no Sertão, mais precisamente na antiga Vila da Pedra, atualmente conhecida como Município de Delmiro Gouveia, que se localiza no Alto Sertão de Alagoas.

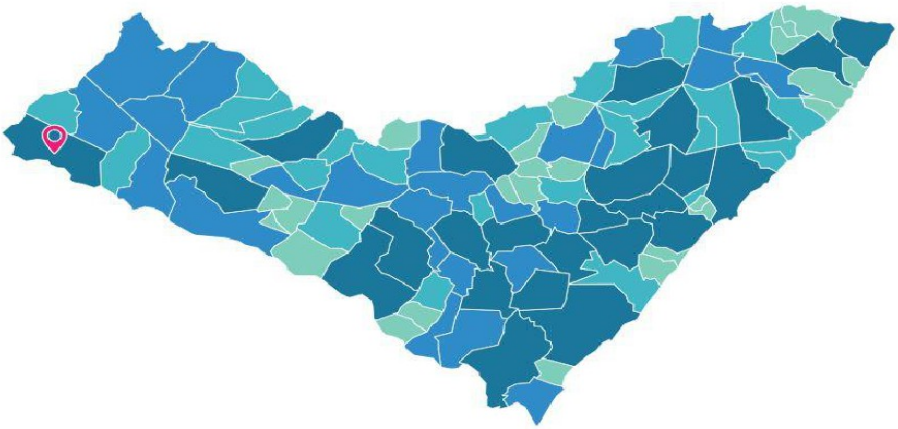
Nesse contexto, buscamos compreender os discursos “sobre” a tecnologia no Sertão que circulavam na sociedade brasileira do século XIX e no início do século XX e que se encontram ressignificados nos dias atuais, sendo proferidos por diferentes sujeitos em posições de poder legitimadas na sociedade.

3. A TECNOLOGIA TALHADA NA “PEDRA”

> “Era o despertar de uma nova civilização para a zona sertaneja alagoana, com reflexos notáveis em zonas idênticas dos Estados vizinhos.”
>
> (Hidelbrando Menezes)

Vila da Pedra era o nome dado à atualmente denominada cidade de Delmiro Gouveia, município localizado no Sertão de Alagoas, com população atualmente estimada em 52.016 habitantes. Segundo dados do último censo, datado de 2010 e realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Delmiro Gouveia contava com uma população de 46.096 pessoas e densidade demográfica de 79,13 hab/km. O mapa a seguir mostra a localização do município no estado de Alagoas.

Figura 1: Localização de Delmiro Gouveia (AL)



Fonte: IBGE (2017)

O distrito Pedra foi criado em 1938 pelo decreto estadual n.º 2.435, datado de 30 de novembro de 1938, e suas terras pertenciam ao município de Água Branca – AL. O distrito recebeu essa denominação primeira por estar localizado em meio a grandes rochas que existiam na antiga estrada de ferro Great Western.

Em 1903, o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia chega à Vila da Pedra, onde estabelece inicialmente seus negócios com a venda de peles bovinas e caprinas, que já era uma tradicional fonte de renda na região. O comércio de peles foi a principal

fonte de renda responsável pelo enriquecimento de Delmiro, pois o valor em dinheiro de exportações superava o valor das exportações de linhas (SANT'ANA, 1996).

Figura 2: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco (Recife, PE)

Nos anos de 1913 e 1914, o empresário recifense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia inaugura, no pequeno vilarejo da Vila da Pedra, a Usina Hidrelétrica de Angiquinho e a fábrica de linhas Companhia Agro Fabril Mercantil – Ltda, popularmente conhecida como Fábrica da Pedra, dando início a uma grande mudança no cenário da região. A instalação da Usina de Angiquinho e da Fábrica da Pedra coloca a Vila da Pedra no cenário industrial brasileiro, à medida que materializa a chegada da tecnologia, dita moderna, no Sertão alagoano. Discursivamente, a inauguração desses dois espaços pode ser compreendida como um acontecimento discursivo, pois esses dois estabelecimentos rompem com uma discursividade de/sobre o Sertão e instalam novos sentidos para a região e para os sujeitos que ali vivem.

O acontecimento discursivo é definido por Pêcheux (2008) como o resultado do encontro de redes de memória com a atualização dos sentidos. Como aponta o teórico, essa ressignificação produzida pelo acontecimento discursivo coloca "em funcionamento

discursos que parecem marcar 'a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes [de memória] e trajetos [sociais]'" (PÊCHEUX, 2008, p. 26 apud MASSMANN E VOSS, 2020, p. 30). O autor ressalta que,

> a partir de um acontecimento histórico, [...] assiste-se a uma movimentação no "estatuto das discursividades que atravessam um acontecimento [histórico], entrecruzando proposições de aparência logicamente estável […] e formulações irremediavelmente equívocas" (PÊCHEUX, 2008, p. 28 apud MASSMANN; VOSS, 2020, p. 28).

Desse modo, pensando nessa questão do advento da tecnologia no Sertão, compreendemos que o acontecimento discursivo produz e coloca em circulação novas discursividades e outros sentidos que emergem desse encontro da memória com a atualidade (PÊCHEUX, 2008). No caso em estudo, a instalação da usina e da Fábrica da Pedra produz rupturas e deslocamentos importantes no conjunto de filiações históricas de e sobre o Sertão e de e sobre a tecnologia na região. Como destaca Pêcheux (2008, p. 26), "todo discurso é o índice potencial de uma mexida nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que constitui simultaneamente um efeito dessas filiações e um trabalho […] de deslocamento em seu espaço".

De nossa perspectiva, a instalação da usina e da fábrica materializa, pois, um acontecimento discursivo. E, de acordo com Massmann e Voss (2020, p. 29), discursivamente, todo esse processo de significação que é posto em funcionamento está

> ancorado na história e é atravessado pela ideologia, pelas relações de força e de poder. Isso nos leva a compreender que, no processo sócio-histórico em que os discursos são produzidos, há um funcionamento da temporalidade que lhe é constitutivo: um antes (a memória), uma atualidade (o que emerge) e um depois (seu desdobramento). Os deslizamentos e os efeitos de sentidos que decorrem desse acontecimento discursivo já podem ser observados em nossa sociedade.

O desenvolvimento na Vila da Pedra, advindo dos empreendimentos de Delmiro, possibilitou a criação do distrito Pedra por Decreto Estadual de 1938. O local pertencia, até então, ao município de Água Branca – AL. Anos depois, em 1943, o distrito passa a ser denominado Delmiro Gouveia, em homenagem ao seu patrono, e, em 1952, é desmembrado de Água Branca e se torna município por Lei Estadual, denominando-se município de Delmiro Gouveia.

Figura 3: Mesorregiões do estado de Alagoas e localização do município de Delmiro Gouveia, em destaque

Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico (2012 – Adaptado).

O empresário atraiu muitos moradores para a Vila da Pedra e o olhar interessado de comerciantes do país. O investimento de Delmiro Gouveia na implantação de tecnologia no vilarejo também despertou o interesse de estrangeiros, gerando muitos questionamentos sobre a rapidez do crescimento de seus negócios, causando sentimentos de inveja e ambição na região.

> A importante fábrica de linhas, que era o inicio daquelle faustoso emporio industrial ahi está produzindo em franca e vantajosa competencia com suas similares, pondo-nos á salvo da tutella pesada do estrangeiro (DELMIRO GOUVEIA, 1922, p. 1).

Com a instalação da Fábrica de Linhas e da Usina Hidrelétrica de Angiquinho, Pedra foi se desenvolvendo e ganhando forma, casas de alvenaria foram sendo construídas, todas dispondo de água encanada e luz elétrica; uma igreja foi erguida; escola e até cinema e campo de futebol foram proporcionados aos moradores da pequena vila operária. Como se pode verificar, a tecnologia produziu outros sentidos de/sobre a região, colocando-a no centro dos debates políticos, econômicos e sociais. Instalaram-se, conforme destacamos anteriormente, outras discursividades e outros efeitos de sentido, como desenvolvimento regional, qualidade de vida e prosperidade.

Figura 4: Vila Operária da Pedra

Fonte: Acervo Museu Delmiro Gouveia (Delmiro Gouveia, AL)

Ao historicizar e ao descrever o processo de instalação da Fábrica da Pedra e do próprio povoado, Gonçalves (2010, p. 267) destacou que

> a Pedra não era um aglomerado urbano político-administrativo independente. Estava ligada ao município de Água Branca, de quem tudo dependia. Porém, como distanciava 20 quilômetros, possibilitou que Delmiro organizasse a comunidade segundo o seu interesse, para favorecer o trabalho, controlar o tempo, o descanso, o lazer, os estudos, as compras e, principalmente, a convivência entre moradores, sem contaminá-la com os enormes vícios e defeitos tradicionais da região.

Além disso, os operários da Fábrica de Linhas recebiam semanalmente e possuíam benefícios trabalhistas, como educação para seus filhos e assistência médica para a família, que são direitos trabalhistas considerados contemporâneos à nossa visão para aquele determinado contexto histórico, no qual muitos trabalhadores eram escravizados e não possuíam direitos empregatícios.

Figura 5: Operários em frente à Fábrica da Pedra no ano de 1916

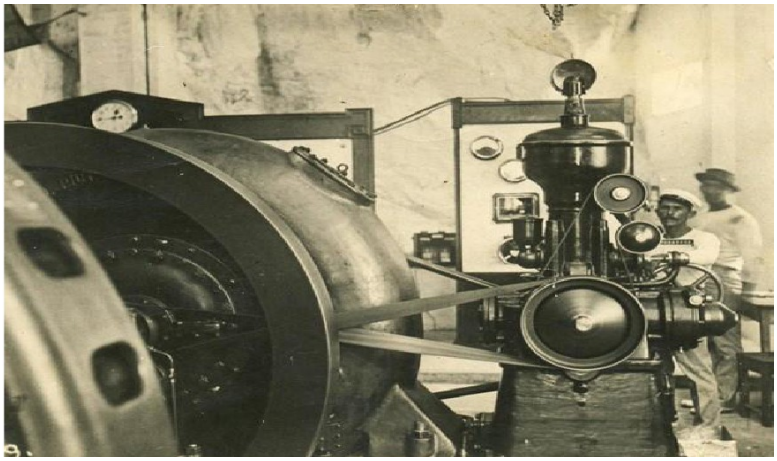
Fonte: Acervo Museu Regional Delmiro Gouveia (Delmiro Gouveia, AL)

Para fomentar o processo de institucionalização e de industrialização da Fábrica da Pedra, o empresário Delmiro Gouveia importou da Europa o que havia de mais sofisticado em questão de maquinário para seu empreendimento. Como afirma Lima Júnior (1983, p. 151): “da Europa também veio o material para instalação da Fábrica de Linhas, as máquinas foram fornecidas por Dobson & Barlow, de Boston, Inglaterra”.

Com a chegada dos equipamentos que à época representavam tecnologia de ponta, a fábrica prosperou e teve grande produção durante muitos anos. Entretanto, com o passar do tempo, a empresa passou por alguns ajustes administrativos que resultaram, como argumenta Menezes (1991), na organização de uma sociedade anônima.

> Foi, então, organizada a Companhia Agro-Fabril Mercantil, sociedade anônima [...]. A nova empresa incorporou com os seus sócios a firma Iona & Cia. e também auxiliares que nela se destacavam pelo esforço no cumprimento dos deveres (MENEZES, 1991, p. 67).

Figura 6: Homens trabalhando na sala de máquinas de Angiquinho, primeira hidrelétrica do Nordeste



Fonte: Arquivo Fundeg

Conforme temos destacado ao longo desta exposição, além da instalação da Fábrica da Pedra, Delmiro Gouveia investiu fortemente naquilo que pode ser chamado de um dos seus empreendimentos mais ousados. O empresário, considerado um visionário para aquela época, investiu na construção da primeira usina hidrelétrica do semiárido brasileiro, a Usina de Angiquinho. Com capacidade geradora energética de 1.100 quilowatts, a usina, construída no distrito alagoano de Pedra (hoje o município Delmiro Gouveia), foi a primeira hidrelétrica do Nordeste e está localizada à margem alagoana da cachoeira de Paulo Afonso (BA).

Figura 7: Usina Hidroelétrica de Angiquinho – AL

Fonte: Chesf (2016)

No projeto de construção da Usina de Angiquinho, Delmiro Gouveia aproveitou a força das águas da cachoeira do Rio São Francisco para gerar água encanada e energia elétrica para os moradores da pequena vila operária da Pedra e também para a sua fábrica de linhas, que se tornou também a primeira fábrica de linhas de coser do Brasil, proporcionando um significativo crescimento econômico, social e demográfico da região.

Além disso, ele foi também o idealizador da criação da Companhia Hidrelétrica de Paulo Afonso (Chesf), que está localizada na cidade Paulo Afonso, no Sertão baiano. Ela foi inaugurada após 32 anos da construção da Usina de Angiquinho, em 15 de janeiro de 1955, pelo presidente Café Filho e idealizada por Delmiro, que tinha como objetivo construir mais usinas hidrelétricas nas regiões sertanejas.

Figura 8: Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso – BA

Fonte: Chesf (2016)

O decreto de criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco foi assinado em 03 de outubro de 1945 pelo presidente Getúlio Vargas. Em seu segundo mandato, Getúlio assumiu o Plano Nacional de Eletrificação, dando prosseguimento à obra, mas esta só foi inaugurada após a sua morte, por seu vice, Café Filho.

A influência de Delmiro Gouveia no processo de industrialização e, especialmente, de desenvolvimento econômico na região, fato que se materializou nas e pelas tecnologias trazidas pelo empresário, foi inclusive eternizada também na cultura regional, como na canção denominada “Paulo Afonso”, escrita no ano de 1955 pelo compositor José Dantas e cantada por Luiz Antônio Gonzaga.

Delmiro deu a idéia
Apolônio Aproveitô
Getúlio fez o decreto
E Dutra realizô
O presidente Café
A usina inaugurô
E gracas a esse feito
De homens que tem valô
Meu Paulo Afonso foi
Sonho
Que já se concretizô

Olhando pra Paulo Afonso
Eu louvo nosso engenheiro
Louvo o nosso cassaco

Caboclo bom verdadeiro
Oi! Vejo o nordeste
Erguendo a bandeira
De ordem e progresso
A nação brasileira
Vejo à indústria gerando riqueza
Findando a seca
Salvando a pobreza

Ouço a usina feliz mensageira
Dizendo na força da cocheira
O Brasil vai, o Brasil vai
O Brasil vai, o Brasil vai
Vai, vai, vai, vai, vai, vai

Esses versos, compostos por José Dantas e cantados pelo “Rei do Baião”, fazem uma homenagem ao grande visionário Delmiro Gouveia, reconhecendo sua importância na história da construção da Hidroelétrica de Paulo Afonso, que está localizada na divisa entre os Estados de Alagoas e Bahia. Nos versos, podemos observar também a força política do empresário Delmiro Gouveia, seu olhar de vanguarda e o registro das outras discursividades que foram postas em circulação a partir do acontecimento discursivo que analisamos anteriormente materializado na instalação de dois importantes artefatos tecnológicos que fundam o discurso da industrialização na região, a saber, a Fábrica da Pedra e a primeira hidrelétrica do Nordeste, a Usina de Angiquinho.

Delmiro Augusto da Cruz Gouveia foi assassinado em 10 de outubro de 1917, em sua residência na Vila da Pedra, e, mesmo após cem anos da sua morte, a cidade de Delmiro Gouveia continua conhecida pelos grandes empreendimentos de seu patrono e fundador instalados no Alto Sertão de Alagoas. Esses empreendimentos foram cruciais para o desenvolvimento da região e serviram de exemplo e inspiração para as demais regiões sertanejas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DISCURSO E TECNOLOGIA NO SERTÃO

> “As representações produzidas por observadores da época e na Literatura posterior costumam realçar contrastes em Pedra – vista como um centro de trabalho, civilização e progresso – e o Sertão – representado como lugar desolado e inóspito, habitado por seres rudes, místicos e indolentes.”
>
> (Telma de Barros Correia)

Delmiro Gouveia pode ser considerado um grande revolucionário do século XIX e início do século XX, pois confrontou os discursos e crenças que estavam presentes na sociedade e na literatura que relatavam o Sertão como um lugar inóspito, seco, sem perspectiva de desenvolvimento econômico, social e cultural. A descrição estereotipada do Sertão foi sendo construída historicamente e ganhou força inclusive na e pela literatura, como podemos observar, por exemplo, no fragmento a seguir, retirado da obra de Euclides da Cunha, *Os sertões*, publicada no ano de 1902. Nesse fragmento, o autor descreve o Sertão baiano, palco da Guerra de Canudos:

> Acredita-se que a região incipiente ainda está preparando para a Vida: o líquen ainda ataca a pedra, fecundando a terra. E lutando tenazmente com o flagelar do clima... Nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para o definir (CUNHA, 2002, p. 50-52).

Discursos como este, produzido na obra de Euclides da Cunha, que caracterizam o Sertão e o povo sertanejo, circularam (e ainda circulam) nas demais regiões do Brasil, em especial nas capitais, onde a elite tinha mais acesso a literatura. Entretanto, Delmiro Gouveia, mesmo com toda o descrédito em face às condições materiais para que houvesse desenvolvimento no Sertão, não desistiu. Ele fez uso da sua inteligência, da sua perseverança e da força da mão de obra trabalhadora para a concretização de seus projetos, tornando realidade o sonho de implantar progresso e tecnologia associado ao povo sertanejo e à natureza da Vila da Pedra.

Atualmente conhecida como cidade de Delmiro Gouveia, localizada no Alto Sertão alagoano, a Vila da Pedra, mesmo com o clima semiárido, tornou-se um polo de

industrialização, confrontando os discursos que circulavam na sociedade elitista da época. Segundo Mello (1998, p. 99):

> O senhor Delmiro Gouveia, para combater a ignorância, o fanatismo religioso, o fetichismo bárbaro, serve-se também de máquinas, engenhos da indústria humana, que em vez da morte e da destruição, ensinam ao sertanejo e ao jagunço o trabalho fecundo que educa, civiliza e aperfeiçoa.

O visionário Delmiro Gouveia trouxe tecnologia e desenvolvimento para a Pedra e, consequentemente, para as regiões sertanejas circunvizinhas por meio de seus empreendimentos inovadores, considerados até então “extravagantes” pela elite da época para um simples vilarejo do Sertão de Alagoas, marcado pela seca e pela pobreza. Ao descrever como se deu a chegada do maquinário para a instalação da Fábrica de Linhas, Cavalcanti (1927, p. 31) relata que “o transporte das imensas máquinas até o Sertão era feito através de estradas precárias e de abismos, superando o descrédito, o desânimo e o temor de auxiliares”.

A Vila da Pedra dispunha de indústria, usina hidrelétrica, casas de alvenaria, luz elétrica, água encanada, estação ferroviária, operários e maquinário moderno, automóveis etc., graças às ações inovadoras de Delmiro. Além disso, ele instalou na pequena vila operária cinema, escola e espaços de lazer, trazendo também avanço cultural para seus moradores. Esse é um pequeno resumo de tecnologias instaladas naquela região entre os anos de 1914 e 1917, realidade que divergia totalmente da imagem que se tinha do Sertão na época. Sob esse viés, Chateaubriand (1990. p. 59-71) argumenta que:

> Em face da visão de uma natureza sem freios, diante de cujas forças imensas e ferozes o homem se sente ameaçado e impotente, a ação de Delmiro em Pedra surge como um vigoroso embate da técnica e da razão contra os elementos.

A Fábrica da Pedra e a Usina Hidrelétrica de Angiquinho, além de proporcionarem um grande crescimento econômico para o lugar, também contribuíram para a mudança do espaço geográfico e para melhorar a vida do povo sertanejo, trazendo a modernidade e contrariando os discursos do Sertão sem vida, sem cultura e sem progresso tecnológico. Do ponto de vista de Cavalcanti (apud Correia, 1998), Delmiro Augusto da Cruz Gouveia conseguiu fazer no Sertão de Alagoas a obra mais notável de que se tem notícia em nossa História. E fez isso sem a cruz, sem o hábito do missionário e, especialmente, sem o dinheiro público. Ele fez tudo isso com a força de seu trabalho e com o trabalho dos sertanejos e sertanejas.

Conforme temos destacado no decorrer deste estudo, as ações de Delmiro Gouveia podem ser compreendidas como um acontecimento discursivo, pois produzem novos e outros sentidos para o Sertão e para os/as sertanejos/as, deslocando, ainda que minimamente, o funcionamento dos discursos (e dos estereótipos) produzidos pela história e pela literatura em que o Sertão é descrito como um lugar quase "inacessível" e de "poucos recursos". A riqueza de recursos naturais, representada aqui, especialmente, pela força das águas da cachoeira do Rio São Francisco (que gerou energia para a Usina de Angiquinho, a primeira do Nordeste), além da possibilidade de alavancar a economia com os negócios implantados por Delmiro Gouveia, fizeram a Vila da Pedra prosperar em todos os aspectos sociais, tecnológicos e econômicos, produzindo rupturas importantes nessa discursividade que veio/vem, através da história, produzindo sentidos de e sobre o Sertão.

Mesmo diante das inúmeras fontes de informação que temos atualmente, como, por exemplo, acesso à televisão, aos jornais, à internet, entre outros meios de comunicação, ainda podemos encontrar discursos estereotipados sobre o Sertão e sobre o povo sertanejo em algumas regiões do Brasil, especialmente na região Sul e Sudeste. Esse funcionamento reproduz um estereótipo que foi sendo construído na e pela história, de modo que hoje podemos perguntar, junto a Moraes (2010, p. 91): "Quem não reconhece facilmente o Nordeste seco através das imagens dramáticas de um açude esgotado ou da desolação de uma família de trabalhadores rurais diante da caatinga ressequida?"

A partir das análises que temos desenvolvido neste estudo, observamos que os discursos que circulam no nosso meio, no que diz respeito aos sentidos de tecnologia no Sertão que são produzidos por diferentes sujeitos que ocupam lugares legitimados na sociedade, trazem uma memória discursiva, que, segundo Orlandi (2008), se trata do *discurso histórico*. Entendemos, então, que os discursos "de" e "sobre" a tecnologia no Sertão podem estar associados à memória discursiva. Como destacam Patriota e Turton (2004, p. 36),

> a memória discursiva permitirá na infinita rede de formulações (existente no intradiscurso de uma formação discursiva) o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a formações discursivas posicionadas historicamente. Dessa forma, os sentidos são condicionados pelo modo com que os discursos se inscrevem na língua e na história, conseguindo assim, significar. Ou seja, o discurso significa por sua inscrição e pertencimento a uma dada formação discursiva historicamente constituída e não pela vontade do enunciador. Prova disso, é o fato de que ao nascermos, o discurso já está em processo, sendo nós que entramos e

> nos ajustamos nesse processo. Portanto, podemos entender que a própria "incompletude" é condição e característica da linguagem. Os sujeitos, os sentidos e os discursos nunca estão prontos, nem muito menos, acabados.

Como foi possível observar neste estudo, são muitos os discursos que associam o Sertão a um ambiente de longa estiagem, castigado pela seca e com pouco desenvolvimento econômico. Nesse funcionamento da significação, compreendemos que há sempre um jogo imaginário em que se sustentam formações discursivas e ideológicas que vão significar sempre articuladas ao contexto sócio-histórico e ao saber discursivo. Ou, ainda, considerando que os discursos se sustentam em outros e apontam para o futuro, os sentidos são produzidos a partir de posições.

Compreendemos, assim, que a memória discursiva é presumida a partir de um momento sócio-histórico e a partir de sentidos cristalizados e legitimados na e pela história, como foi/é o caso dos sentidos de e sobre o Sertão. O acontecimento discursivo Delmiro Gouveia, ao trazer a tecnologia para o Sertão, abalou essa rede de memória, produzindo rupturas (fissuras) nessa discursividade. Para finalizar, podemos dizer, ainda, que esse processo de ressignificação foi tão impactante na história da região, que produziu um acontecimento discursivo materializado na redesignação do espaço urbano: a antiga Vila da Pedra passou a ser chamada de Delmiro Gouveia. É a força do simbólico marcando na história a sua presença e a sua força.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

CAVALCANTI, P. **A Canaãn sertaneja da Pedra** (escritos sobre a obra realizada por Delmiro Gouveia no Nordeste do Brasil). Rio de Janeiro, 1927.

CORREIA, T. de B. **Pedra**: plano e cotidiano operário no sertão. Campinas: Papirus, 1998.

CHATEAUBRIAND, A. Uma resposta a canudos. In: **Resposta a canudos**: reportagens e ensaios. Recife: Comunicarte; Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1990. p. 59-71.

CHESF – **Companhia Hidroelétrica do São Francisco – Chesf. 50 anos**. 1948 – 1998.

CUNHA, E. da. **Os Sertões**: Campanha de Canudos. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

DELMIRO GOUVEIA. **Correio da Pedra, Pedra, 22 de outubro de 1922**. p. 1. (Transcrição de matéria publicada no Jornal do Comércio, Recife, 10 out. 1922).

FERREIRA, J. P. Delmiro Gouveia (AL). In: **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 19. p. 44-47. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_19.pdf. Acesso em: 2 maio 2020.

GLOSSÁRIO. **Glossário de termos da Análise do Discurso**: projeto de pesquisa: a aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001)/ Orientadora: Maria Cristina Leandro Ferreira; Bolsista de iniciação científica Ana Boff de Godoy... [et al.]. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

GONÇALVES, A. C. **Delmiro Gouveia**: era uma vez no sertão... Ribeirão Preto: Fábrica dos Sonhos, 2010.

LIMA JÚNIOR, F. **Delmiro Gouveia**: o mauá do Sertão alagoano. Maceió: Departamento de Cultura/ Gov. de Alagoas, 1963.

_____. **Delmiro Gouveia**: o mauá do Sertão alagoano. 2. ed. Maceió: Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983.

MASSMANN, D.; VOSS, L. K. F. A educação em tempos de pandemia: Um acontecimento discursivo? In: MASSMANN, D.; VOSS, L. K. F.; MATIAS, T. T. **Formação universitária em tempos de pandemia**: desafios e saberes. Maceió: EDUFAL, 2020.

MASSMANN, D. O político na/da arte: instituições, discursos, resistências. In: ORLANDI, E.; MASSMANN, D.; DOMINGUES, A. S. (Org.). **Linguagem, instituições e práticas sociais**. Pouso Alegre: Univás, 2018.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Delmiro Gouveia**: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental. Recife: Massangana, 1998.

MENEZES, Hidelbrando. **Delmiro Gouveia**: vida e morte. Recife: CEPE, 1991.

MUSSALIN, F. Análise do discurso. In: MUSSALIN, F.; BENTES, C. A. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista!** Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

_____. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. A Casa e a Rua: uma relação política e social. In: **Educação e Realidade**. v. 36, n. 3, 2011. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/18491. Acesso em: 20 abr. 2020.

_____. Discursos e museus: da memória e do esquecimento. In: **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v. 9, jul./2014. Disponível em: http://www.entremeios.inf.br. Acesso em: 30 abr. 2020.

_____. **Instituição, relatos e lendas**: narratividade e individuação dos sujeitos. Pouso Alegre: Univás; Campinas: RG Editores, 2016.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 75-88.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Semântica e Discurso**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

_____. **L'analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969/ Campinas: Pontes, 2008.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-105.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PEREIRA PATRIOTA, Karla Regina Macena; TURTON, Alessandra Navaes. Memória discursiva: sentidos e significações nos discursos religiosos da TV. **Ciênc. cogn.** Rio de Janeiro, v. 1, mar. 2004. p. 13-21 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212004000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 maio 2020.

SANT'ANA, M. M. De. **Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia**: 1917 – 1994. 1. ed. Recife: Companhia hidroelétrica do São Francisco, 1996.